

Fonte dos Amores — Desenho de Christino — Gravura de Pedroso

Debaixo d'altos cedros enlaçados,
Que em vão de penetrar o sol porfia,
Rebentando de tosca penedia,
A quem virente musgo adorna os lados;

Puros cristaes se escoam apressados
Por leito de grosseira cantaria.
Vasto lago os recebe; e na sombria
Lympha tremem os cedros debuxados.

Não se ouve das manadas o balido,
Mal sôa alli a frauta dos pastores,
E mui pouco dos rafeiros o latido.

Da malfadada Ignez só os clamores
Se imprimem n'alma sem ferir o ouvido.
Eis a copia da Fonte dos Amores.[1]

Não tem a historia de Portugal successo mais sabido nem cantado que a tragica morte de D. Ignez de Castro.

Desde que o nosso primeiro épico referiu nos *Lusiadas*, e em versos inimitaveis, como

O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que depois de morta foi rainha;

ainda nenhum dos poetas que lhe succederam, e se lhe avantajaram n'outros carmens, o egualou sequer na simplicidade e tristura com que elle poetizou este episodio, o mais sensivel do seu poema.

Garrett, que tanto se namorava d'este assumpto, nunca ousou tental-o sequer, e muitas vezes nos disse: «Não ha outro modo de tratar estes amores».

[1] Este soneto, que tanto ao vivo pinta a fonte dos Amores, foi-nos recitado pelo nosso collega conservador da bibliotheca nacional, Barbosa Marreca, que o tem de cór dos seus tempos da universidade, não se recordando ja do nome do auctor. É inedito?

O —

Estavas linda Ignez posta em socego,
N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito:

e depois, —

Aos montes ensinando e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas;

são toques que nenhum outro pincel póde dar assim.

Dos versos que sobre esta pavorosa tragedia metteu no seu poema denominado *Camões*, se desculpava Garrett com os vinte e cinco annos que tinha então. Achâmos, comtudo, alguns d'elles dignos de serem recordados perante a nossa estampa da fonte dos Amores. São estes:

Affonso[1], que nos campos de Tarifa
As hóstes granadis prostrou tremendas
Com pequeno poder; viçosos loiros,
De tamanha e tão prospera victoria,
Caso triste murchou, crueza barbara,
Que á bellissima Ignez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sêde
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
Inda ás soidosas margens do Mondego,
Junto á fonte, que lagrimas formaram,
Verte sobre elle desusado pranto.
As nações do universo que escutaram
As endeixas do vate, as vão cantando;
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Tamesis frio ao Pado ardente
Os lamentos de Ignez repete a lyra.

Brandas nymphas do placido Mondego,

. . . .

Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mysterios de amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro. A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os sons gemem tão meigos,
Mas tão cortados de uma dor tão viva,
Que é um partir-se o coração de ouvil-os!

[1] El-rei D. Affonso IV.

Mas não foi Camões, de certo, quem baptisou com o nome de *Amores*, a fonte da quinta das Lagrimas, pertencente ao paço onde residia Ignez de Castro ao tempo que foi assassinada.

N'um codice manuscripto da bibliotheca nacional, que tem por titulo: *Coimbra Gloriosa*, dando-se noticia da primeira fundação do convento de Santa Clara n'um oiteiro ao sul de Coimbra, pela rainha Santa Isabel, lemos o seguinte:

«No meio do claustro antigo estava um tanque em que desaguavam muitas fontes por differentes figuras, e a maior era a que saia pela bocca de uma serpente enroscada ao braço de uma nympha, cuja agua vinha encanada de duas nascentes que existiam na quinta do Pombal, que foi doada no anno de 1326 á rainha Santa Isabel pelos conegos regulares de Santa Cruz, sendo prior Francisco Pires, e em remuneração d'esta graça lhe fez a dita rainha mercê de varias propriedades que tinha em Leiria.

Junto do convento mandou a santa rainha fundar um palacio, á porta do qual foi trespassada com espadas ou adagas, a 7 de janeiro de 1355, a innocente D. Ignez de Castro.»

É pouco mais ou menos o que diz fr. Manuel da Esperança na *Historia Seraphica*, descrevendo o antigo convento de Santa Clara, no seguinte periodo:

«Vinha de fóra a agua para o convento por um cano que se chamou *dos amores*, pela razão de uma fonte d'este nome, onde tem principio. Consta isto de um mandado das justiças de Coimbra, as quaes, no mez de outubro de 1360, mandaram publicamente — *que ninguem tratasse mal o cano da agua que váe da fonte dos Amores para o mosteiro de Santa Clara, sob pena de jazer trinta dias na cadêa.*

E assim ficará (accrescenta o escrupuloso frade) mais desvalida essa fabula do vulgo, que nos quer persuadir que pela sua levada, que não é muito grande, remettia o infante D. Pedro a D. Ignez de Castro os seus escriptos de amores, e que por esta razão tem o dito appellido.»

Antonio Coelho Gasco, no seu livrinho das *Antiguidades de Coimbra*, diz simplesmente o seguinte, a respeito do sitio onde D. Ignez foi morta:

«Cuja tragicomedia foi onde hoje (1710) se vê umas ruinas de uns paços junto a Santa Clara d'esta cidade, que chamam o *Culgo*, e quasi deitados por terra, em lembrança de sua infelicidade, em que está uma aldeia de gente pobre.»

O sr. visconde de Jorumenha, no primeiro volume das *Obras de Luiz de Camões* [1], que está publicando, cita entre os inéditos com que refez agora a biographia do nosso poeta, uns commentarios dos *Lusiadas*, autographos, que existem na real bibliotheca do paço das Necessidades, escriptos pelo padre D. Marcos de S. Lourenço, conego de Santa Cruz de Coimbra, o qual, commentando a oitava 135 do canto II, diz o seguinte:

«Junto de Coimbra, para onde está o mosteiro de Santa Clara, está uma fonte que antigamente era livre e do povo; hoje é particular e captiva, junto da qual tratava ó principe D. Pedro seus amores com a sua querida Ignez; pela qual causa a fonte veiu a chamar-se dos *Amores;* e ainda aquelle logar se chama o *cano dos amores.*»

[1] *Obras de Luiz de Camões*, precedidas de um ensaio biographico, no qual se relatam alguns factos *não conhecidos* da sua vida. Lisboa. Imprensa Nacional. 1860. T. I de 516 paginas.

Esta obra, em que o sr. visconde trabalhou durante vinte e cinco annos, para apurar quanto a respeito de Camões se podia saber, tanto no reino como fóra d'elle, é digna de uma recompensa nacional. A tenacidade e escrupulo das investigações, estudos, confrontações, critica e erudição que o auctor revela n'este seu memoravel trabalho, bem se póde comparar ao que, tão pacientemente, punham nas suas edições os benedictinos de S. Mauro.

O governo prestou o devido auxilio a esta publicação, nitidamente estampada na imprensa nacional, e o publico não deixará de exhaurir em breve esta primeira edição.

«As filhas do Mondego, diz Camões, longo tempo fizeram memoria d'esta morte de D. Ignez, o que se entende nas *cantigas* que logo sáem e se compõem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna em Castella.»

«Estas cantigas e romanges duram mais na bocca das moças de cantaro e lavandeiras, principalmente onde a gente é alegre e prazenteira como a de Coimbra, onde esta historia aconteceu.»

N'um mui noticioso opusculo, publicado em 1831 pelo sr. Antonio Moniz Barreto Corte Real, actualmente reitor do lyceu nacional de Angra do Heroismo, que tem por titulo: *Bellezas de Coimbra*, acharão os curiosos quanto podem desejar sobre a fonte dos Amores, tão melancolica e amorosamente gabada pelo auctor.

Convento e palacio levaram ha muito as cheias do Mondego; mas a agua que ainda jorra a fonte dos Amores é de certo a da antiga nascente da quinta do Pombal.

A estampa que hoje apresentâmos foi reduzida de um quadro a oleo pintado pelo sr. Christino, professor substituto da academia de bellas-artes de Lisboa, para S. M. el-rei D. Fernando.

Não tem a fonte que a recommende senão a tradição de haverem alli suspirado os seus amores clandestinos, D. Pedro I e D. Ignez de Castro, tão poetica e apaixonadamente metrificados pelo sr. A. F. de Castilho, na sua *Primavera*.

É a pag. 206 da segunda edição, e no mavioso episodio de Galatéa, que o grande poeta do nosso tempo, tendo apenas vinte e dois annos, e cursando a universidade, abrangeu n'este formosissimo idyllio os temores que tanto tempo saltearam a malfadada Ignez.

Vogando Mondego acima para a Lapa dos Esteios, com os outros poetas festeiros de maio, ao ver que elles affrouxavam de remo, enlevados nos encantos metricos do episodio que lhes ia recitando, suspendeu a narrativa quando passava junto da quinta das Lagrimas, exclamando:

Amigos, vós paraes como esquecidos?
Deixaes que o lenho na corrente desça?
Ah! voltae ao trabalho, e por castigo
Não ouvireis do alegre canto o resto.

Novo me inspira agora esse murmurio,
Com que a fonte das Lagrimas se lança
Da serpeada varzea ao rio aberto.

Junto á fresca matriz d'este ribeiro,
Onde gozou, em seculo remoto,
O mais ditoso par d'amor os mimos,
Meu estro agora placido voltêa
Por entre cedros e os feraes cyprestes;
E ora ao lago pacifico se arroja,
Ora da fonte nos penedos pousa.
Comvosco não existe o vosso amigo;
Gira fóra d'aqui no sitio umbroso,
Lá conversa com a musa; aprende e canta
Gratas historias de passados tempos.

Uma noite de maio, Ignez formosa,
Ao pallido clarão da argentea lua,
Com seu Pedro fiel aqui vagava.
Lindo qual dos amores o mais lindo,
Um terno filhinho que a fallar começa,
Co'a pequenina mão á mãe seguro,
A passos deseguaes a acompanhava.
No dextro braço do gentil consorte
O alvo braço despido entrelaçando,
Languidamente a bella se apoiava.
Traja da côr da neve; ornam-lhe as tranças
Rúbidas rosas que reveste o musgo:
Sob um véo raro e solto arfam dois peitos
Que estreme, que matiza e que perfuma,
A flor que é d'entre mil só digna d'elles,
O amor-perfeito em fresco ramalhete.

Segue-se a este quadro da mão de tal mestre, o dialogo dos dois esposos, que a estreiteza do jornal nos tolhe transcrevermos.

É humilde a fonte, e modesto o tanque onde se ella derrama. [1] Frondejam-n'a, porém, alterosos e tristes cedros: [2] e por monumento ou memoria do successo que tanto afamou esta fonte, tem, apenas, no sitio que a estampa designa, uma lapida de marmore mandada pôr pelo general Trant, no tempo da guerra peninsular, com a seguinte oitava de Camões:

> As filhas do Mondego a morte escura,
> Longo tempo chorando memoraram;
> E por memoria eterna, em fonte pura,
> As lagrimas choradas transformaram.
> O nome lhe pozeram, que inda dura,
> Dos amores de Ignez que alli passaram.
> Vêde que fresca fonte rega as flores,
> Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

DOIS RETRATOS HISTORICOS

(LENDA HESPANHOLA)

(Conclusão. Vid. pag. 286)

III

— No dia em que vos casastes com a infanta de Portugal, estava eu alli... na cathedral de Sevilha... não sei se vos recordaes. Chamastes, senhor, *as tres graças* áquella senhora, á princeza mais formosa que tem visto o mundo... que muito que eu a encontrasse digna da adoração que recusava a Deus e a suas creaturas? A sua belleza, a sua virtude, a sua grandeza, e a idéa, sobre tudo, de que nunca seria meu um de seus olhares, deram corpo ao desejo indeterminado que me perseguia a alma na soledade da existencia. Em amal-a empreguei toda a minha força, toda a minha fé, toda a minha vida! A impossibilidade, o respeito, os zelos, o silencio... tudo exacerbou a minha paixão. Já tinham rumo os meus dias, alimento as minhas horas; não estava ermo o mundo, porque se encontrava n'elle a imperatriz. Vêl-a, seguil-a ao longe, ouvir o accento da sua voz, era a minha cruz e o meu paraiso. Ao principiar a amal-a, tinha-a já perdido para sempre... porque amava o irrealisavel. Oh noites perduraveis de insomnia e de angustia! Estava como o esculptor da fabula, namorado de uma pedra. Essa pedra era o impossivel! Tal foi e devia ser o fructo da minha dissipação e do meu tormento. Perdão, senhor... porem soffri muito!

O imperador estava immovel, sombrio, não de zelos, senão de remorsos. Aquelle amor desesperado de que fallava S. Francisco; aquella lucta de uma temeraria vontade, com o desconhecido, com o vedado, com o pomo fatal de Eva, recordava-lhe um sinistro episodio da sua vida, talvez o mais importante para o seu coração!

— Falla, Francisco, falla... balbuciou. Dize-me que foste debil... que o demonio te fez escravo... que... Não... não o digas. Apesar de tudo, eu amei sempre minha esposa.

— Podeis continuar a amal-a, replicou o santo com ineffavel melancolia. A imperatriz não conheceu nunca o culto cego de que era objecto. Alcancei a sua amizade e a vossa; vós accrescentastes ao meu titulo de duque de Gandia o de marquez de Lombay; a imperatriz fez-me seu escudeiro-mór. Desde então via-a a todas as horas, e estive sempre ao seu lado; habituei-me a não ter esperança, e adorei-a como os indios adoram o sol. Porém, nem este descanço me permittiu a justa ira dos ceos. A imperatriz poz decidido empenho em que eu me casasse com uma de suas damas, com D. Leonor, que já habita no santo asylo dos martyres. Obedeci e casei-me. Desde então, a minha alma foi um inferno. Minha esposa era digna, por suas virtudes e formosura, de que a tornasse feliz; e quando isto não podesse conseguir, resolvi não fazel-a desgraçada. Fugi a ambas.

— Ah!... — disse Carlos v, apertando os labios a ponto de os morder. Digo-te que serás canonisado!

— Lancei-me á guerra, — proseguiu Borja — demandando as fadigas da batalha, a morte ou o esquecimento. Inutil esforço! combati Barbarroxa comvosco em Africa; entrei em França ao vosso lado; enchi a minha vida de obrigações: fui vice-rei de Catalunha, mestre de Santiago. Decorreu o tempo... todo perdido para a minha salvação! Cada vez que tornava a vel-a, encontrava-me mais miseravel! A ausencia, longe de minoral-a, exasperava a minha paixão. A morte respeitou-me no meio dos combates... e o meu rebelde coração ainda não havia tentado invocar o eterno Pae dos homens sem ventura! Ainda não me occorrêra appellar para o supremo Deus! Breve chegou a dor em auxilio da minha fé vacillante! Apontou o anno de 1539.

O imperador tornou-se carrancudo ouvindo esta data.

— Achava-me em Toledo, — proseguiu Borja. — Era o primeiro de maio, dia de S. Philippe e Santiago; era quinta feira. Dia tão lindo como este. O mesmo sol... o mesmo ceo...

O jesuita chorava. Guardou silencio um instante, e depois exclamou:

— Passae, vapores terreaes, que vindes escurecer o oriente de meus eternos dias!

Carlos v acariciava as barbas com visivel impaciencia; porque bem conhecia que ia commover-se.

S. Francisco, desprendido já de sua commoção, tomou de novo o fio da narrativa com voz mais lenta e apagada.

— N'aquella manhã tinha eu acompanhado á missa a imperatriz, e á volta, depois de havel-a deixado de visita em casa de D. Diogo Furtado de Mendonça, passava pela margem do Tejo. De repente chegou aos meus ouvidos o estrondo do sino grande da cathedral... Não sei porque estremeci... Ao cabo de um instante o meu terror teve já uma causa. O sino tangia o dobre dos agonisantes! Aquelle sino... o sino grande da cathedral de Toledo, só podia annunciar-a vossa morte ou a de vossa esposa! O dia annuviou-se aos meus olhos; deu-me frio, e cai sobre a terra como uma arvore ferida pelo raio. Quando tornei a mim, corri a casa de Furtado de Mendonça .. Não estava alli ninguem! Os vestigios da multidão me arrastaram a casa do conde de Fuensalida, onde soube que Isabel de Portugal, imperatriz de Allemanha e rainha de Hespanha, acabava de deixar a terra ao dar á luz um menino morto!

Para o que está ausente de Deus, para o que está só na terra, para o que não pensa na outra vida, a morte, Cesar, é uma desesperação similhante á do inferno. Então a dor é colera, é covardia, é condemnação! O crente que perde um penhor querido, padece como Adão arrojado do paraiso; o impio que está na mesma situação, padece como Lucifer arrojado do ceo. Eu padecia sem esperança! E nem este aviso de Deus foi sufficiente para despertar do seu lethargo o meu insensivel peito! Ainda não estava cheio o calix da minha amargura!

Escutae. Eu que havia cegamente amado a impera-

---

[1] Já Sá de Miranda lhe chamou: *Rica de la natura e pobre d'arte.*

[2] Se dermos credito ao padre Antonio de Carvalho, na sua *Corographia Portugueza*, estes cedros não deram sombra a D. Ignez de Castro, porque no t. I a pag. 318 diz elle, fallando do paço dos Villasboas em Villar de Frades: «Tem esta quinta (a do dito paço) logo á entrada do portal o maior cedro que no reino vi, *onde estas arvores sao modernas.*» Escrevia elle isto em 1700.

O dr. Brotero, em 1813, fallando do cedro, ainda diz: «Nós podiamos multiplicar esta bella arvore, com vantagem, no nosso clima: ella gosta das collinas e sitios pedregosos, e cresce mais no inverno que no verão.»

Todavia, segundo refere o sr. Corte Real, no tronco de um cedro annoso, que assombreava a fonte dos Amores entalharam este prosaico verso: *Eu dei sombra a Ignez formosa.*

triz; que tinha desejado beijar a fimbria do seu manto; que passára annos inteiros saboreando um *adeus* que me dirigira indifferentemente; que guardava sobre o meu coração uma perola caída do seu toucado, depois de armal-a de pontas de aço para que me lacerasse a carne e me dissesse *aqui estou!*: eu que bebia a agua dos rios que haviam copiado a sua imagem, e que guardava em vasos de oiro o ar que ella respirára; eu, em fim, que daria o resto dos meus dias por passar uma hora a seus pés, como diante de uma santa... eu, senhor, fui o encarregado de trasladar á Granada os adorados restos da sua formosura, o seu corpo sem egual, aquella urna preciosa em que tinha vivido a sua alma!

Já é minha! dizia para mim durante aquella viagem... Váe aqui, commigo, confiada á minha guarda, á minha vontade. Eu mando andar e fazer alto. Posso passar a noite reclinado sobre o seu ataúde, posso declarar-lhe o amor que lhe consagro... Não tinha ciumes de vós... senhor, não tornarieis a vel-a... era minha tão sómente... minha e do sepulchro!

Assim passei doze dias! Durante elles, o frio d'aquelle cadaver transmittiu-se ao meu coração; os cabellos cairam-me ou tornaram-se completamente brancos; quando cheguei a Granada era velho!

IV

Chegou tambem para mim o momento da eterna separação; diante de um escrivão e de testimunhas fiz entrega do inestimavel thesouro, e para isso foi necessario abrir o ataúde de chumbo que o encerrava.

— E ainda estava formosa? perguntou Carlos v, com um tom de voz que n'aquelle instante era um sacrilegio.

— Oh! vaidade humana! — replicou o santo com accento sepulchral. — Que quadro se me offerece aos olhos!... Formosa! formosa!... Tinha-o sido, senhor... Porém, quando a deixou a alma, a fealdade assenhoreou-se-lhe do corpo, como de nenhum outro. Nunca fôra a morte mais cruel, mais devastadora, mais repugnante! A putrefacção d'aquelle cadaver foi tão rapida, tão intensa, tão espantosa, que não deixou nem um vestigio, nem uma linha, nem um perfil da passada formosura! Ai, senhor! Que lição tão eloquente me dava o ceo!

Horas inteiras permaneci a contemplar tão horrivel realidade.

Aquella mulher, a mais formosa de quantas hão existido, a que nunca póde ser retratada sem mingua de seus encantos; as vossas *tres graças*, senhor, eram um todo informe, incomprehensivel, corrupto! Triste illusão! Como podia residir tanta fealdade onde existíra tanta belleza? Não a teria amado de certo assim. Onde estavam os seus annos de poder, de formosura, de paixão? Onde estavam as suas horas de mundana soberbia?

Haviam desapparecido para sempre, levando as minhas terreaes illusões.

Todos os que me acompanhavam fugiram ante o horrivel espectaculo do cadaver de vossa esposa.

Obrigado a jurar que n'aquelle féretro existia a imperatriz, não me atrevi a fazel-o! Só disse que era o mesmo corpo que se me confiára.

Afastaram-se todos, como disse; porém eu «pelo particular amor e reverencia que sempre tive á imperatriz, não podia desviar os meus olhos d'ella, tão formosa pouco antes, e tão estimada no mundo». [1]

Fiquei alli só, e fiz proposito de renunciar ao mundo para pensar na minha alma: porque ao ver diante de mim a maior belleza e o mais alto poder convertidos em tão desprezivel pó, não pude deixar de erguer a vista para o eterno reino de Deus, onde é perpetua a formosura da alma.

A morte de minha esposa e a do grande poeta *Garcilasso* [1], deixaram-me livre e só na terra... Fiz-me sacerdote, e aqui me tendes, alliviado das falsas grandezas com que appareci no mundo, humilhado perante vós, e esperando o perdão do muito que vos hei offendido com o pensamento.

Carlos v enxugou as lagrimas com o revez da mão, e levantou S. Francisco de Borja, dizendo-lhe com a effusão mais verdadeira que experimentára em toda a vida:

— *É este o meu cabo da Boa-Esperança!* [2] Francisco, tu fortaleceste a minha resolução... Volta com frequencia!... Agora deixa-me. Perdôo-te... Resa por mim!

Disse; e em quanto o santo se retirava silenciosamente, apoiou elle a cabeça nas mãos e os cotovellos na janella... Viu o jesuita montar na sua muar e partir... Contemplou de novo a eterna juventude da natureza... Ouviu ao longe — mui distante — o rumor do mundo, da gloria, da politica, dos acampamentos... Viu-se para logo velho e achacado, compromettido na historia a morrer obscuramente n'aquelle retiro, e chorou com angustia murmurando muita vez este nome:

— *Margarida! Margarida!*

N'este momento soavam duas horas.

EPILOGO

Duas vezes tornou Francisco de Borja a visitar o monge de Yuste. [3]

N'uma d'ellas, commissionou-o Carlos v para que désse o pezame á corte de Portugal pelo fallecimento do rei [4]; e no dizer de um chronista, entregou-lhe as *Memorias da sua vida* para que as emendasse; porque o imperador, como Julio Cesar, occupava-se em escrever a historia de suas campanhas.

Da outra vez fallou-lhe e deu-lhe encargos sobre os seus dois filhos illegitimos, Margarida, que residia em Ondenarda, e João, que vivia em Ratisbona.

Este bastardo chamou-se depois D. João de Austria.

A ultima vez que o illustre jesuita voltou a Yuste, encontrou-se com a morte do imperador, que o levou ás duas horas da madrugada de 21 de setembro de 1558. É famosa a oração funebre que S. Francisco de Borja pronunciou por occasião das suas solemnes exequias.

Borja sobreviveu quatorze annos ao imperador, e depois de ser geral dos jesuitas, de cuja companhia se tem por segundo fundador, e havendo recusado differentes vezes o capello que lhe offereciam os papas, morreu em Roma aos 30 de setembro de 1572.

Resta-nos desmentir uma noticia e registar outra.

É falso que Carlos v fizesse o seu enterro em vida, como asseguram alguns escriptores.

A casa que edificou e onde viveu este augusto monge, contigua ao convento de Yuste, vendeu-se ha mais de vinte annos a D. Fernando Borja y Tarrius, pela somma de 1.500 reales (sessenta e tantos mil réis!).

[1] Historico.

[1] Garcilasso de la Vega, poeta hespanhol, a quem denominavam de *Petrarca de Hespanha*, nasceu no anno de 1503 em Toledo; descendia de uma familia nobre. Serviu, como capitão, nas tropas de Carlos v. Foi amigo e competidor de Boscan, imitador de Petrarca e de Virgilio. Morreu em 1536.

[2] Historico.

[3] Devemos, em homenagem á verdade, notar que alguns chronistas ha que negam o facto de Carlos v, imperador de Allemanha e rei de Hespanha (nascido em 1500 e morto em 1558), ter sido monge, ou vivido entre monges. Querem estes chronistas, que Carlos v se retirasse, effectivamente, para um palacio contiguo ao mosteiro de Yuste (ou S. Justo), onde viveu afastado da politica *militante*, por premeditação caprichosa, talvez, e por enfermidade, mas com certa grandeza, e dando os conselhos que sobre a administração dos negocios publicos lhes sollicitavam seus filhos, nos quaes abdicára em 1555.

[4] D. João III, o *Piedoso*, fallecido em Lisboa, aos 11 de junho de 1557.

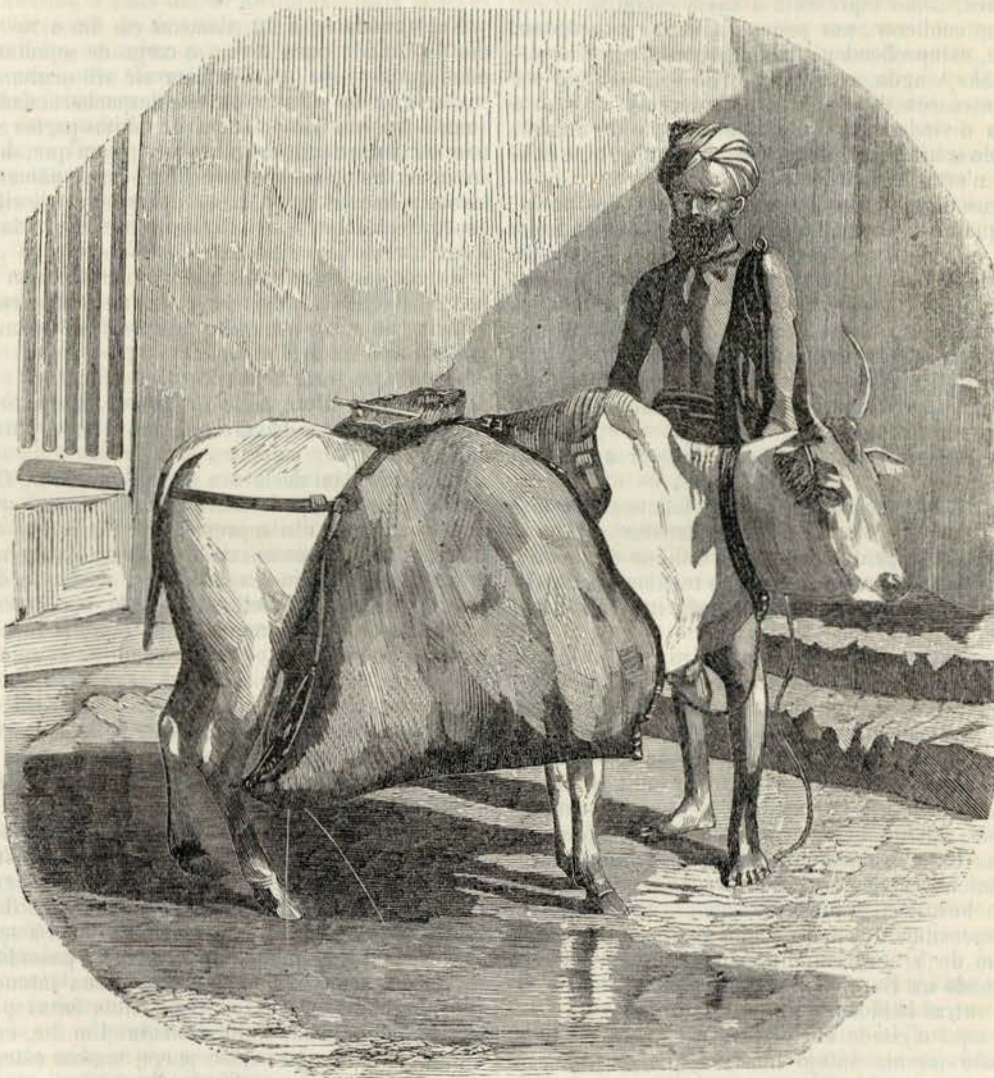
CONDUCTOR DE AGUA EM CALCUTTÁ

A pag. 61 do volume I d'este semanario démos já a estampa e descripção da cidade de Calcuttá, capital do imperio inglez, na India. Hoje daremos a gravura de uma excellente photographia de Mallitte, representando um conductor de agua n'aquella cidade.

Chamam lá na India a estes seus aguadeiros *bihechty*, vocabulo persa que os inglezes tem abbreviado em *beasty*, tomando a parte pelo todo.

Os habitantes da India, assim como todos os povos que habitualmente se alimentam de vegetaes, e usam pouco de bebidas espirituosas, escrupulisam muito em beber agua que não seja purissima.

Os indios costumam transportar a agua do Ganges em cantaros; mas o que representa a nossa gravura leva-a em odres, o que indica pertencer á raça musulmana. Para tirar a agua, que vendem muito barata, são estes infelizes ás vezes obrigados a descer a poços mui profundos, e de grande escadaria.



Conductor de agua em Calcutá

O aguadeiro que professe a religião de Brahma ou de Mahomet não se atreve a offerecer agua aos indos de casta, que lh'a engeitariam com horror. O padre Dubois, [1] mui veridico nas suas asserções, nos dá a este respeito algumas explicações que tem aqui seu logar:

«A agua, diz elle, é quasi a unica bebida dos brahmanes. Para que ella seja pura, e não macule a quem a bebe, é indispensavel que seja tirada e levada por pessoa da sua casta; beber agua tirada por mãos estranhas seria um peccado consideravel, cuja purificação só se obtem á custa de longas e dispendiosas ceremonias. N'algumas terras o brahmane e o sudra vão buscar agua á mesma fonte; mas se por acaso a bilha de um toca na do outro, o brahmane quebra immediatamente a sua, se é de barro, e se é de cobre tem de a arear muito bem. Nas provincias dominadas por principes indianos, os brahmanes prohibem que as outras castas se aproximem dos seus poços; mas nas que são governadas por mahometanos, e nos principaes estabelecimentos europeus, não é raro ver o brahmane, o sudra, e até o paria, tirarem agua do mesmo deposito; comtudo, presenciei em certa occasião um grande motim, occasionado pelo inaudito atrevimento de uma mulher paria ter enchido o seu cantaro no poço commum.»

Tem elles ainda outro costume. Em quanto as bi-

[1] *Mœsurel institutions des peuples de l'Inde.*

lhas são novas e estão no oleiro, toda a gente, inclusivè os parias, lhes podem tocar; mas logo que estão cheias de agua só lhes podem pegar as pessoas de casta para quem são destinadas. Os brahmanes levam o seu escrupulo a tanto, que não permittem aos estrangeiros a entrada nas suas cozinhas, cuja porta está sempre cuidadosamente fechada, com receio de que algum profano lhe dê mau olhado ao pote, que, se acaso é visto por algum d'estes, é logo feito em cacos. Para evitar a continua renovação dos potes e bilhas, é que elles usam para a conducção da agua de cantaros de cobre, ou então dos odres, como representa a nossa estampa.

Quem conhecer, por pouco que seja, a theogonia indiana, comprehenderá facilmente esta singular superstição. A agua, entre elles, não só passa por ser uma emanação divina, mas consideram-n'a como a propria divindade. A *sandia*, ou oração da manhã, que todo o brahmane deve resar devotamente, é concebida n'estes termos:

« Agua do mar, dos rios, dos tanques, dos poços, e de qualquer outra parte, sêde propicia aos meus rogos, e aos meus votos! Assim como o viajante abrasado pelo calor acha refrigerio á sombra de uma arvore, possa eu tambem achar em vós o allivio dos meus males, e o perdão de meus peccados. Agua! vossos olhos são os do sacrificio e do combate, tendes um gosto delicioso, tendes para nós entranhas de mãe; sois o nosso refrigerio, o maior regalo do nosso paladar etc. etc. »

Que bella oração para fazer decorar a um bebedo!

Os nossos historiadores da India fallam com muita individuação dos costumes, ritos, e separação das castas entre esta gente. Sobretudo é digno de ler-se o que a este respeito escreve, como testimunha de vista, Diogo do Couto, principalmente nos l. 1 2 e 4 da Dec. v.

Voltando agora ao nosso aguadeiro com o seu boisinho, diremos que a este animal chamam *ladou-byl*, que quer dizer boi de carga, o qual faz as vezes do burro na Europa. Os bois no Indostão são mui pequenos, e quasi todos brancos; conduzem-n'os por meio de uma corda que do pescoço lhe passam em a roda das ventas. Carregam-n'os muito, e tratam-n'os mal, apesar de ser para elles quasi sagrado. A agua na India é objecto de grande dispendio nas casas opulentas; além dos bois, vasos e criados para a irem buscar a grandes distancias, ha outros em casa especialmente encarregados de a refrescarem, e tambem de a nevarem, quasi pelo mesmo processo empregado na Europa, e com que elles gelam o vinho e outras bebidas.

Até aqui o citado auctor francez. Agora diremos, que este mesmo antojo houve entre os judeus e os samaritanos. Lêmos na sagrada Escriptura, que vindo Jesus Christo de Galiléa á cidade Sichar, onde chegára mui fatigado, se foi sentar ao pé do poço que alli mandára abrir Jacob. Ao mesmo tempo veiu tirar agua d'elle uma mulher samaritana, a quem o Senhor pediu que o deixasse matar a sede. Porém ella muito admirada lhe respondeu: Como sendo vós judeu me pedis de beber a mim sendo samaritana? Não sabeis o mal que se dão os samaritanos com os judeus?

A razão d'esta antipathia era, segundo diz S. João Chrysostomo, porque os samaritanos, sendo assyrios, e vindo para a Samaria, corte que fôra dos reis de Israel, de tal sorte confundiam a religião, que ao uso da sua patria adoravam os idolos, e segundo o da terra em que viviam adoravam a Deus verdadeiro; por isso os judeus não communicavam com elles, tendo-os por gentios, e como taes lhes era prohibido acceitar d'elles genero algum de comida ou bebida, para se não mancharem. Christo, porém, que viera ao mundo para ensinar os homens a amarem-se uns aos outros, quiz com o seu exemplo acabar similhante superstição.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

Na segunda feira 10, nomeou em fim o rei Antonio de Cavide para servir o cargo de secretario de estado, não tendo querido fazer até alli nenhum despacho, dizendo sempre que não despacharia nada, em quanto Macedo não voltasse. De muitas partes advertiam o infante a que se acautelasse; para que, deixando correr as coisas sem precipital-as, se não achasse insensivelmente mais fraco, e exposto a perigo no paço. O principe respondia, que breve estaria d'alli longe o resto da caballa de Castel-melhor.

N'uma das entrevistas que o rei tivera com a rainha, dissera-lhe, que bem podia mandar prender o principe no paço, mandal-o processar no mesmo instante e dar-lhe a morte.

— « E que seria depois? » dizia elle.

Da mesma fórma fallava a outros. Mas isto, pelo seu caracter, não passava de bravata, e pura vaidade.

O abbade Bani declarava que os amigos de Castel-melhor já se compadeciam d'elle. Jactava-se que fôra elle abbade, e o representante de França Saint-Romain, os que haviam dado o ultimo golpe em Castel-melhor, levando-o a acceitar a mediação da rainha, e a entregar-se a ella. A verdade, porém, era que o conde só o fizera quando tinha perdido toda a esperança de salvar-se, e com a condição já apontada, de que se não trataria da sua separação. Bani era contrario abertamente ao conde. Na opinião que d'elle formava, no que a respeito d'elle aconselhava, em tudo, em fim, podiam ver os seus intimos a disposição do seu espirito. N'aquelle mesmo dia dizia a Saint-Romain, e a Verjus:

— « Quando o conde reconheceu e confessou que lhe não restava outro meio de salvar-se, senão o da rainha, não podia resolver-se a fazer a sua magestade as concessões necessarias para a persuadir de que, se o conservasse, elle procederia tão bem a seu respeito de futuro, quanto usára mal no passado. Via-se claramente que não era essa a sua intenção, e que não cumpriria os offerecimentos feitos por intermedio do abbade Saint-Romain. Um dia, em que o apertei para que fizesse por si mesmo esses offerecimentos ao mesmo abbade, respondeu-me que eu tinha razão; que era preciso *persuadir e enganar o mediador!* E não estava melhor disposto a favor da França, que da rainha de Portugal. Castelhano de inclinação, alliando-se com a França, só procurou com isto levar os hespanhoes a subscreverem á paz e independencia de Portugal. A rainha faria bem, por seu interesse, e pelo da França e de Portugal, se impedisse o restabelecimento do conde, perdendo de todo quem é tão singular ministro. »

Por intermedio do seu confessor, communicou o principe á rainha que podia depositar confiança em Pedro de Almeida, que era bem intencionado, e trabalhava por dispor o rei ao bem. Pelo mesmo meio, na terça feira, 11, lhe transmittiu que Lourenço de Sousa propunha que se tornasse a chamar Henrique Henriques, para dirigir o espirito do rei, no sentido que se desejasse. Lourenço de Sousa offerecia-se tambem para trabalhar, por si mesmo, a que o rei

admittisse o infante no conselho, e fizesse quanto se julgasse a proposito a bem do estado. Se não o podesse conseguir, daria d'isso parte, e de todas as resoluções que o rei tomasse: se d'este offerecimento nada agradasse, retirava-se da corte.

A rainha julgou, e bem, que estas propostas eram puro divertimento e artificio de Castel-melhor, a quem todos aquelles sujeitos serviam constantemente. Os factos e a experiencia mostravam, que todos offereciam retirar-se, mas que nenhum se retirava. Todos promettiam desde muito dispor o rei a varias coisas, e entretanto o rei nada mudára, permanecia o mesmo, e cada dia se fortificava mais nas velhas impressões de desconfiança e aversão, que lhe tinham feito conceber por ella e pelo infante; não dando passo nem dizendo palavra, que não tendesse ao restabelecimento do secretario de estado e do escrivão da puridade. Pedro de Almeida, como antes d'elle fizera Henrique Henriques, promettêra levar o rei a restabelecer Pedro Vieira no cargo de secretario, que lhe pertencia; mas o rei perseguia-a incessantemente, para consentir na volta de Antonio de Sousa, no que agora parecia mais empenhado e decidido que nunca. De tudo isto concluia ella, que taes individuos, a quem serviam fielmente era ao conde, divertindo-se com o principe.

Houve quem suppozesse que D. Pedro levava por sua parte o irmão a persistir no desejo de chamar o secretario de estado, para, sob o nome da rainha, ainda mais amado e auctorisado que o seu, ter nova occasião, melhor aproveitada que a da quarta feira 5 de outubro, para abbreviar e concluir a revolução palaciana. Conhecido, porém, como era, o espirito dos que tinham a parte principal na direcção do principe, via-se que só podiam ser levados a isso por uma situação extrema, que tornasse necessarias resoluções tão fortes, e em que tantas coisas proximas e remotas havia a considerar e temer. Todo o mundo sabia e via a intenção de D. Pedro, e os compromissos cada dia maiores que contrahia, de reunir os Tres-Estados, para n'elles se estabelecer outro governo, e pedir contas da passada administração das finanças. O rei não o queria fazer por si, como o reino desejava, segundo o voto da rainha e do conselho de estado.

Pretendia-se que os Tres-Estados tinham direito de dar e tirar a coroa. Ainda que o amor e estima que professavam á rainha fossem extremosos, e que até alli tivessem podido salvar o rei, havia comtudo motivo em D. Affonso para temer a reunião dos Tres-Estados. Era voz geral que no rei havia desarranjo mental, que o incapacitava de governar por si. Sobre tudo isto, tornava-se notavel e merecia especial attenção até ao proprio Saint-Romain, que da parte do infante nada se poupasse para fazer crer que seu irmão era tambem incapaz de ter filhos, e que a rainha não era ainda sua mulher. O conde da Torre protestava, incessantemente, que em todo este negocio não tinha nenhuma pretenção particular; e que o infante olhava principalmente ao bem do estado e da rainha, de quem sempre dependeria. Nada se podia accrescentar ao cuidado que o conde tomava em o mostrar e persuadir. Mas isto não impedia que se pensasse, que o mesmo conde tinha boa vontade de pôr nas mãos do infante, a quem governava, a principal auctoridade, e mesmo a coroa, se visse para isso occasião e disposição nas cortes. O interesse, porém, e a reputação da rainha discordavam d'isso. Sendo por ella os principaes do conselho e da nobreza, aquelle plano não parecia de exito facil. O marquez de Sande sustentava esta opinião: dizia, que não só conselho e nobreza, mas todo o reino seguiria a vontade e inclinação da soberana.

O infante, pela sua parte, temia, se o governo se estabelecesse sob a auctoridade da rainha, não havendo já quem a separasse do rei, que se travasse amizade entre ambos, e houvessem filhos. Era difficil de prever o que estes differentes receios podiam produzir.

D. João da Silva, que tanto se tinha distinguido na guerra; que tinha muita capacidade para os negocios, e era amigo de Schomberg e de todos os francezes, communicou no mesmo dia a Verjus, que o marquez de Marialva fazia quanto podia para obter o logar de Castel-melhor, onde seria mui pernicioso. Sabia-se, entanto de boa parte, que o não conseguiria. O marquez de Gouvêa declarava-se menos, pretendendo o mesmo, e podia mais facilmente alcançal-o. Não seria dilapidador como Marialva. De todos, porém, o que seria mais auxiliado pela gente que cercava o rei, e podia alcançar o logar com menos custo, se o quizesse, sendo até o melhor para o estado e para a rainha, era o duque de Cadaval, que além do seu nascimento, tinha espirito distincto, coragem e desinteresse. Mas este, temeroso do mau humor e arrebatamentos do rei, estava mui longe de cubiçar aquelle encargo.

Na quarta feira, 12, o conde de Villa-verde, homem de coragem, de espirito, e affeiçoado á França, juntamente com D. João da Silva, procurou Saint-Romain. Simão de Vasconcellos retirára-se da corte. Pretendia-se que os outros do partido do rei fizessem outro tanto; mas aquelles dois fidalgos eram de parecer que melhor fôra ter expulsado todos os que se desejava expellir d'um só golpe, quando o principe estivera no paço, regulando assim e segurando melhor o governo. Bem tinham feito n'essa occasião para lh'o persuadirem.

Os agentes francezes andavam vigilantes. Saint-Romain e Verjus visitaram no mesmo dia o duque de Cadaval, de cuja bocca ouviram coisas cordatas acerca dos negocios internos e externos de Portugal. Opinava que cumpria guardar fielmente o tratado com a França, ou entregarem-se á discrição dos castelhanos. Os dois francezes excitavam-n'o a que tomasse parte no governo. Escutava-os prazenteiro, parecendo mostrar que isso lhe não andava mui arredado do coração, e que não perderia occasião que apparecesse.

— «Os portuguezes (dizia elle) soffrem tudo pacientemente a seus reis, com tanto que estes governem por si; mas nunca poderam tolerar a auctoridade e o governo nas mãos de validos. O conde de Mira (accrescentava o duque), que fôra grande e habil ministro, punha principalmente todo o cuidado em dissimular o seu valimento; e nunca ouvia ninguem que não houvesse primeiro fallado ao rei e á rainha. Ao contrario d'isto Castel-melhor entortava os negocios de quantos d'esse modo procediam, e nada procurava tanto como ostentar toda a sua omnipotencia, não consentindo que se concluisse negocio grande ou pequeno, que não fosse por seu intermedio.»

Na tarde d'este dia visitou D. Affonso VI a rainha sua mulher. Não se lhe ouviu senão fallar do merito do escrivão da puridade, e dos seus grandes serviços.

— «Devo-lhe a coroa e a vida (dizia): hei de sempre lembrar-me d'isto, e nunca terei em nenhuma outra pessoa a confiança completa que n'elle tive.»

O partido francez via tudo, sabia tudo, espionava tudo. As coisas mais insignificantes, os incidentes de menor alcance, as circunstancias mais leves, tudo averiguava como negocios de estado. Foi com egual afan que outro francez, mr. Thoinard, descobrira duas coisas galantes: uma, que o rei a maior parte das noites se entretinha a fazer dançar e prégar o secretario d'estado, vestido de sobrepelliz e de bar-

rete quadrado na cabeça, e que uma noite em que lhe pareceu prégára e dançára mal, o fizera punir pelos criados com palmadas na região sagrada! Outra, que na quinta feira, dia immediato ao 5 d'outubro, perguntára D. Affonso a um dos criados, que bem sabia não presenciára a scena da vespera com o irmão, se tinha assistido a ella. Depois do criado lhe responder que não, continuou o rei com ar jactancioso:

— «Veiu aqui Pedro, eu o fiz trapo, e se não me pedira perdão de joelhos eu o havia de matar! »

Na quinta feira, 13, Ruy de Moura Telles começou a apparecer no paço, e foi ao do principe, a quem protestou muitos respeitos, e desejo de o servir. No mesmo dia se soube que os habitantes de Alemquer e de Villa-Nova da Rainha tinham retomado o uso dos seus pastos communs que Castel-melhor lhes usurpára, derrubando e abrindo as vallas e diques com que elle os tinha fechado, mais a outra usurpação que fizera em dominios das rainhas, aos quaes aquellas duas villas pertenciam effectivamente.

Na sexta feira, 14, tornou D. Affonso a fallar á rainha no regresso do secretario de estado, rogando ao padre de Villes que a dispuzesse a isso.

— «Sois seu confessor (lhe dizia o rei): deve por isso acreditar-vos. Consegui isto d'ella. Dizei-lhe *de não dar este desgosto a le roi!* »

Esta phrase do rei, meio portugueza, meio franceza, é historica.

Foi n'este mesmo dia que o principe mandou dizer a Lourenço de Souza que se retirasse, e a Castelmelhor, por intermedio do guardião do convento de Torres-Vedras, que fosse para mais longe, e se fixasse na sua casa do Pombal.

(Continúa)

JOSÉ DE TORRES



Soldado da cavallaria da guarda municipal de Lisboa

Deve-se ao primeiro e incansavel intendente geral da policia da corte e reino, o desembargador Diogo Ignacio de Pina Manique, a creação de um corpo militar para manter a segurança publica na cidade de Lisboa, serviço que d'antes era feito pelas rondas civis e pela guarnição da capital.

Segundo o plano dado por este digno magistrado, é que em 1801 se instituiu a «guarda real da policia», composta de 8 companhias de infanteria e 4 de cavallaria; tendo estes de soldo 120, e aquell'outros 130 réis diarios, além de uma gratificação de 4$800 réis por cada matador ou ladrão que prendessem.

Em 1805 augmentou-lhe mais duas companhias de infanteria.

O uniforme que se lhe designou foi o mesmo do exercito, com a differença de oito casas de galão amarello no peito da farda. O armamento tambem egualava o do exercito, tendo de mais uma pistola á cinta.

Havendo este corpo desamparado a capital em 24 de julho de 1833, para se ir reunir ao exercito de operações capitaneado pelo sr. D. Miguel, foi substituido, em 1834, pela creação da actual «guarda municipal de Lisboa», composta de 6 companhias de infanteria e 3 de cavallaria, tendo de soldo cada soldado de cavallo 400, e os de pé 240 réis.

A nossa estampa, gravada por um principiante, e que publicâmos para animação do cavalheiro que nol-a offereceu, representa um soldado de cavallaria d'esta guarda, em grande uniforme.

A guarda real da policia custava á cidade a quantia de 35:824$000 réis, saídos de uma imposição lançada especialmente para este fim. Augmentou-se-lhe depois a força, e por consequencia subiu esta somma.

A guarda municipal, creada em 1836, custava á camara 74:718$400 réis.

Actualmente tem mais duas companhias, e custa annualmente 151:300$000 réis.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.